

Erin

Assistiram aos três episódios de *Olá! Fazemos Anos no Mesmo Dia!* de seguida. Na sala ecoam os acordes do tema final à medida que os últimos créditos passam no ecrã.

Roxy desliga a televisão com o controlo remoto e resmunga suavemente entre dentes.

Erin observa Roxy discretamente. Acha que ela deve estar zangada.

– Bom – diz Roxy –, pareceu-me bem. Embora a porra do meu cabelo estivesse uma merda. Já sabia que ia estar. Disse àquela mulher para não lhe mexer.

Erin sente o estômago roncar. Está completamente vazio. Não come desde o pequeno-almoço, são agora três da tarde e não comeram porque estiveram a ver a série. A mãe nunca saltava refeições. Por motivo algum. Tinha a comida à sua porta três vezes por dia, sempre à mesma hora, e sempre o que ela queria.

– Estou com fome – diz.

Roxy revira os olhos.

– Estás sempre com fome.

– Não, não estou. Estou com fome porque não almoçámos.

– Come cereais.

É o que Roxy responde quando Erin lhe diz que tem fome. *Come cereais.*

Só a palavra *cereais* faz com que o corpo de Erin se ressinta, por causa da associação a algo que é seco, pegajoso e estaladiço.

Erin sente falta da comida que a mãe costumava dar-lhe.

Roxy não a deixa comer esse tipo de coisas, diz que é doentio e estranho.

Erin não concorda.

Tudo lhe parece errado.

Aquela série estava completamente errada. Por completo. Fê-la sentir-se maldisposta. Ela pareceu tão estranha. Nem acredita que não tenham percebido que ela estava a mentir, que estavam ambas a mentir. Era tão óbvio. *Tão óbvio*. Consegue já antecipar o que as pessoas irão pensar, sente-o através das paredes finas desta casa de construção recente que Roxy encontrou para elas, e que paga com o dinheiro de Erin: a raiva e a fúria, a ira e a cólera, quando perceberem que tudo não passou de uma série de mentiras. E irá acabar por atingi-las, como lava derretida, irá soterrá-las e matá-las.

– Não quero cereais – diz. – Quero sopa.

Também não gosta de sopa. Demasiados temperos e pedaços. Mas é melhor do que cereais.

– Ainda tem meia panela de sopa de cenoura, de ontem – diz Roxy, pegando no seu telemóvel e percorrendo urgentemente o ecrã com o dedo. – Foda-se – diz ela, mal-humorada. – VÃO. SE. FODER.

– O que foi?

– Uns conas no Twitter. A dizer que não parecemos ser de confiança.

– E não parecemos, Rox. Não parecemos ser de confiança.

– Parecemos sim. E, seja como for, a mãe é que é a assassina. Ela matou aquele homem. Matou-o, literalmente. Então que importa o que nós fizemos? Também fomos vítimas.

Erin morde o lábio e puxa uma mecha de cabelo. Enrola-a até formar uma corda fina, e depois solta-a de novo. O seu estômago reclama.

– Tenho tanta fome, Rox.

– Bah.

Roxy levanta-se e dirige-se até à cozinha, batendo com os pés. Erin ouve-a acender o bico do fogão, o som de uma gaveta a ser aberta e fechada.

Vai comer a sopa de cenoura de ontem, mas não faz mal. É melhor do que cereais.

Pega no telemóvel e vê a lista de mensagens dos seus seguidores.

Foste espetacular, Erin!!

Vai, Erased. Fizeste justiça ao Pops.

Foda-se, miúda, estavas imparável

A tua mãe vai ser apanhada, sem dúvida

Ao ler esta última mensagem, Erin franze levemente o sobrolho e pisca os olhos com força.

Fora tão estranho ver todas aquelas fotos da mãe, pequenos cliques de vídeo que adicionaram ao documentário, a maioria providenciados por Roxy, embora alguns dos vídeos mais antigos tivessem vindo da avó Pat. Erin ficara triste ao ver a mãe com ar feliz e jovem naqueles cliques; ela sempre tentou dar o seu melhor, mas era difícil ter de lidar o tempo todo com Roxy e o seu temperamento explosivo, todas as agressões e mordidelas, gritos e coisas atiradas pelo ar. Todos tinham medo dela, até o pai, que era mais próximo de Roxy do que qualquer uma delas. Mas a mãe sempre tentara; não era espetacular, mas tentara.

A cadeira cor-de-rosa parecera tão horrível no documentário, como algo tirado de um filme de terror, mas na realidade por vezes tinha sido a única forma de conseguir controlar Roxy. *Se não te acalmas, vais para a cadeira cor-de-rosa.* Não era assustadora. No entanto, tinha parecido assustadora quando naquela noite a mãe amarrara Erin, sussurrando ao seu ouvido: «Eu volto. Eu volto. Só não te posso levar comigo. Desculpa.»

Naquela primeira noite, ela tinha deixado Erin no seu quarto, amarrada à cadeira cor-de-rosa. Tinha regressado no dia seguinte e a desamarrado, oferecera-lhe comida e água, penteara-lhe o cabelo. Era a primeira vez em anos que Erin se sentava num quarto com a sua mãe. Era estranho.

– Onde está o pai? – tinha sussurrado à mãe.

– Coloquei-o na banheira.

– Porquê?

– Não sei. Não sabia onde haveria de o pôr. Lá é mais fresco. Sabes? Erin anuíra. Sabia o que a mãe queria dizer.

– Por que o deixaste morrer?

– Porque não consegui lembrar-me de nenhuma boa razão para o deixar viver.

– Mas ele era o meu pai.

A mãe tinha suspirado, e parara de lhe pentear o cabelo momentaneamente.

– Sim – dissera eventualmente. – Eu sei. Desculpa. Sei que eram muito próximos. Mas aqueles problemas de coração iam acabar por matá-lo um dia. Ele era velho.

– Com setenta e dois não era velho!

– Não, mas velho o suficiente. Teria ficado doente; eu teria de cuidar dele. Não queria cuidar dele. Tenho uma vida para viver, Erin. Já tive a minha conta de cuidar de pessoas.

– E eu? Quem cuidará de mim se não fores tu?

A mãe tinha suspirado e acariciara-lhe o cabelo.

– Temos de contar a alguém. Sobre o pai.

– Sim. Eu vou contar. Só preciso de... há outras coisas. Coisas que preciso de resolver. Há uma mulher que me pode ajudar. Estou hospedada na casa dela. Só preciso de... organizar as ideias. Resolver tudo. Porque a minha cabeça está muito à nora. Estou a processar tudo, como se costuma dizer. Estou a processar muitas coisas.

A mãe voltara no dia seguinte e no dia depois desse, e a cada dia o tempo que ficava tornava-se mais curto. E depois um dia pegou em Erin, amarrada à cadeira, e colocou-a no armário do corredor.

– O que estás a fazer?

– Não quero que as pessoas espreitem pelas janelas. Volto em dois dias. Três, no máximo.

– Onde vais?

– Para o Norte.

– Mas como vou comer?

– Olha, seja como for, tu mal comes. Só não posso vir ver-te, OK? Mas vais ficar bem.

Nesse momento ela pensara que a mãe estava maluca, mesmo maluca. Não maluca como sempre fora, com as suas pequenas obsessões, fixações, a sua maneira de ser controladora. E depois tinha ido

embora, e as pequenas paredes da pequena divisão tinham-se fechado em torno dela, o som da fechadura da porta da frente, após a saída da mãe, parecera-lhe uma espécie de sinos de finados.

Porque Erin sabia que ia morrer ali, naquela divisão pequena e quente, tão quente. Sabia que ia. E quase morreu.

E, quando ressuscitou, ali estava Roxy.

Erin pensou que tinha morrido e que Roxy era um fantasma, um espírito.

A sua irmã mais nova, que não via há seis anos.

A sua irmã mais nova, que a aterrorizava e magoava.

A sua irmã mais nova, que tinha entrado num estado de raiva indescritível naquela noite há seis anos, quando vira Brooke no seu vestido de baile de finalistas.

– Disseste que não ias sem mim. Disseste que não ias. Pareces uma puta estúpida de merda. Olha para ti. *Olha para ti*, foda-se.

Fora a pior coisa que acontecera. Espreitar pelo buraco da fechadura do seu quarto. Aquela menina amorosa. Brooke era tão amorosa. A estranha vida da sua família era dez vezes melhor desde que Brooke se tornara parte dela. E ali estava ela. No chão do corredor, morta. Fria. Sem vida. A linda Brooke.

E depois a mãe tinha chegado a casa e tinha sido o pandemónio, os telefonemas para o pai, a cortina de plástico, a janela da casa de banho. Erin não sabia o que tinha acontecido a Brooke depois disso. Nunca pergantara. Simplesmente permaneceu no seu quarto. Ficou, e ficou. E a mãe era boa para ela. Mas Erin não conseguia ser boa para a mãe, não depois de a ver a arrastar Brooke daquela maneira, embrulhada em todo aquele plástico.

A sua família assustava-a, todos eles. Até o pai. Ela permanecia no quarto. O tempo todo. Escapulia-se quando podia para ir à casa de banho, contava até dez, fazia o que tinha a fazer, depressa, depressa, corria de volta para o quarto, fechava a porta, trancava a porta. E se Roxy voltasse e tentasse estrangulá-la até à morte, como fez à Brooke? E se a mãe a embrulhasse em plástico e a largasse pela janela da casa de banho?

Por vezes o apartamento ficava vazio e era aí que Erin tomava um duche, ou se lavava. Mas na maior parte do tempo permanecia no seu quarto, suja, desmazelada. Na cama, os mesmos lençóis que tinha na noite em que Roxy matou Brooke. A mãe deixava lençóis lavados à porta do quarto, mas Erin não queria trocá-los. Os lençóis eram agora macios, tão macios, quase como se fossem parte dela.

O pai era a única pessoa que ela deixava entrar no seu quarto. Primeiro, só para consertar a sua cadeira de *gaming*. Ela permanecia encostada à parede enquanto ele o fazia. Mas eventualmente começou a deixá-lo ficar. Deixou-o observá-la enquanto jogava. E depois, lentamente, tornaram-se novamente amigos.

Erased e Pops.

Pops e Erased.

A mãe não podia saber, porque a mãe não iria gostar.

Gostava que a sua família fosse segmentada. Gostava de controlar tudo.

E depois a mãe tinha dito aquelas coisas àquela mulher, à mulher chamada Alix Summer. Contou-lhe aquelas mentiras nojentas sobre o pai. Mentiras nojentas. Mas a mãe queria que Alix odiasse o pai. E que o resto do mundo também o odiasse. Erin estremece ao recordar o momento em que a mãe agrediu o cadáver do pai no chão da sala, pontapeando-o e pontapeando-o, e dizendo: «Odeio-te, odeio-te, odeio-te.»

– Sabes, eu era uma criança quando ele me conheceu. Tinha *treze* anos, Erin. E ele tinha quarenta. Um homem casado, com filhos não muito mais novos do que eu. Fez-me acreditar que eu o desejava. Quando o período me tinha aparecido ainda nem há muito tempo. Tu e a tua irmã idolatram este homem, mas ele não é quem vocês pensam que é. A primeira mulher dele também era uma adolescente quando eles se conheceram. Isso não é normal, Erin. O teu pai não é normal.

Mas, vendo bem, a mãe também não é. Nem Roxy. Nem, aparentemente, Erin (embora os seus trinta e oito mil seguidores no Glitch achem que ela é perfeita tal como é).

Contudo, agora Erin não consegue evitar ser assombrada pela ideia de que a mãe está por aí algures, escondida – partindo do princípio de que ainda está viva – e que as pessoas a irão encontrar e achar que foi ela que matou Brooke, que maltratou as suas filhas, que assassinou o marido, quando, na verdade, não assassinou.

Pobre mãe, pensa ela, pobre mãe.

Roxy regressa com a sopa de cenoura numa taça, e um iogurte e uma colher, tudo equilibrado sobre um tabuleiro.

– Sabes, tu podes fazer isto sozinha – diz ela, colocando o tabuleiro na frente de Erin. – Na verdade, não tens nenhuma incapacidade.

– Mas não gosto – diz Erin. – De ser eu a fazer.

– Eu sei. Mas eu não posso tomar conta de ti eternamente, sabes. Mais cedo ou mais tarde, vais ter de aprender a tomar conta de ti própria.

Erin assente e baixa a cabeça. Roxy tem razão. Ela não pode viver com ela para sempre. Não quer viver com ela para sempre. Roxy assusta-a, por vezes. Assusta-a mesmo.

– Não devíamos ter feito a série, Rox – diz Erin.

Roxy lança-lhe um olhar.

– O quê?

– Não devíamos tê-la feito. Já estava tudo acabado. Ninguém estava a falar sobre o assunto; ninguém estava a pensar sobre o assunto. E agora está toda a gente a falar e a pensar sobre isto, e as pessoas não vão acreditar em nós e vão começar a investigar e...

– E o quê, Erin? O que irão encontrar?

– Podem encontrar a mãe.

– E?

– E podem conseguir que ela lhes conte o que aconteceu realmente.

– E o que aconteceu realmente, Erin? *Nada*, é o que aconteceu. A mãe é passada. O mundo inteiro já sabe que ela é passada, por isso ninguém vai acreditar em nada do que ela diga, foda-se. Come a tua sopa.

– Está demasiado quente.

Roxy suspira audivelmente, depois pega no seu telemóvel e começa novamente a percorrer o ecrã com o dedo.

Erin pega também no seu telemóvel. Dobra as pernas sobre si no sofá e aninha-se nas almofadas que lhe amparam as costas. Com o telemóvel longe do alcance do olhar de Roxy, procura no Google o nome «Alix Summer». O seu coração acelera quando percebe que Alix tem um *website* com os seus contactos. Sente-se observada por Roxy, e rapidamente fecha a página, desdobra as pernas, e inclina-se na direção da sua sopa. Sopra uma, duas, quatro, seis, oito vezes.

Roxy suspira de novo e finalmente levanta-se e sai da divisão, fechando a porta com estrondo atrás de si.

Erin pega no seu telemóvel e volta ao *website* de Alix.

Querida Alix, *começa*.

Daqui fala a Erin.

Precisa de fazer uma nova série.